



AUTOBIOGRAFIA

de um ninguém



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

JERÔNIMO RODRIGUES - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

EVANDRO SENA FREIRE - REITOR

ELIAS LINS GUIMARÃES - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Alexandra Marselha Siqueira Pitolli

Andréa de Azevedo Morégula

Carlos Pereira Neto

Dejeane de Oliveira Silva

Elias Lins Guimarães

Iracildo Silva Santos

Lessí Inês Farias Pinheiro

Luciana Sedano de Souza

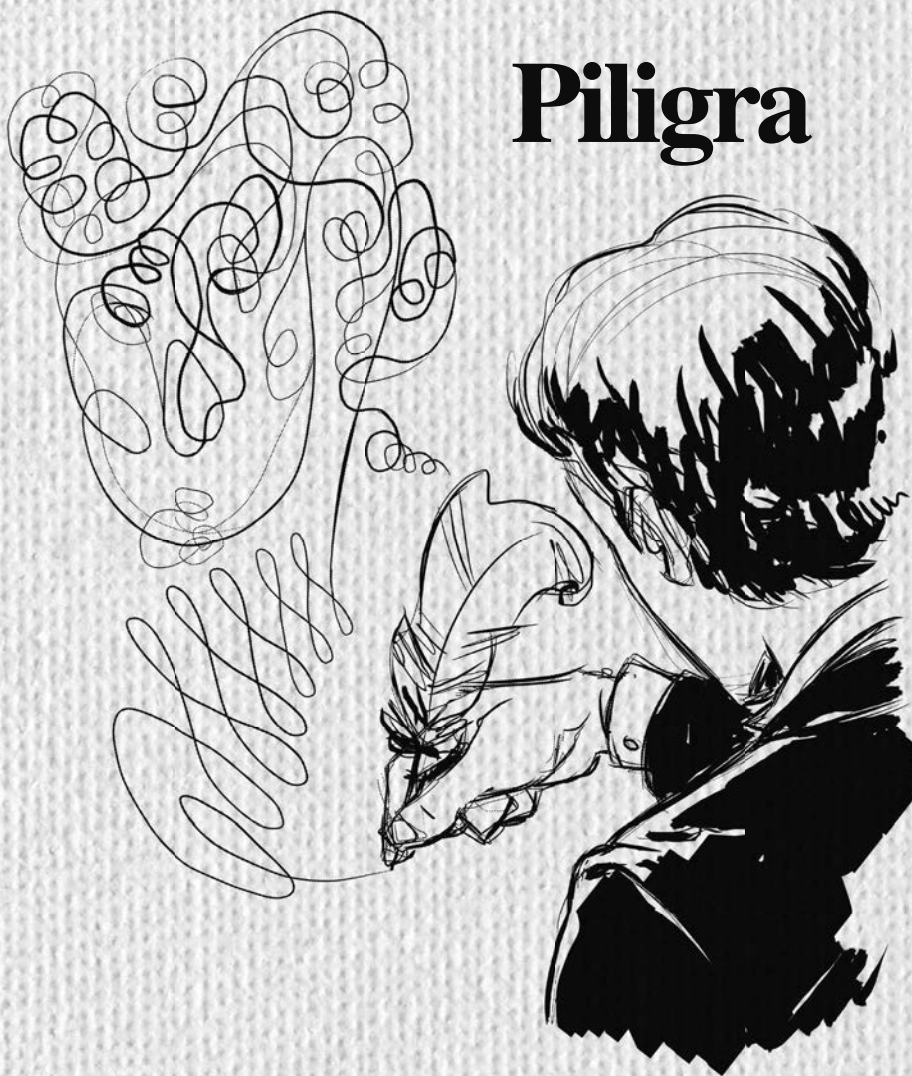
Maria Cristina Rangel

Maria Luiza Silva Santos

Raquel da Silva Ortega

Sabrina Nascimento

Piligra



AUTOBIOGRAFIA *de um ninguém*

Ilhéus - Bahia

eats
Editora da UESC

2019

©2019 by LOURIVAL PEREIRA JÚNIOR

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Álvaro Coelho

REVISÃO

Roberto Santos de Carvalho

ILUSTRAÇÕES

Três Criativos - Agência de Design
trêscriativos.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P637 Piligra
 Autobiografia de um ninguém / Piligra – Ilhéus,
BA: Editus, 2019.
 108 p.: il.

ISBN: 978-85-7455-542-3

1. Poesia brasileira. 2. Memória autobiográfica.
3. Poesia – Bahia. 4. Escritores brasileiros. I.
Título.

CDD 869.91

Elaborado por Quele Pinheiro Valença – CRB 5/1533

EDITUS - EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

EPÍGRAFE

[...] Então, abeirando-me do Ciclope, com uma gamela de vinho tinto na mão, assim lhe falei: “Ciclope, toma, bebe este vinho excelente era a bebida guardada em nossa nau. Trouxe-o para te fazer uma libação, na esperança de que te compadecerias de mim e me deixarias partir para casa. Mas, cruel, tua fúria não conheces limites. Como se atreverá qualquer outro homem a aproximar-te de ti, conhecendo a desumana maneira com que nos trataste? Assim, falei; ele apossou-se da gamela e esvaziou-a. E tão intensa alegria sentiu, ao tomar a deliciosa bebida, que pediu que lhe desse uma segunda vez: “Dá-me mais, por gentileza e, sem tardar, dize-me como te chamas, pois quero brindar-te com um presente de hospitalidade, que recebas com agrado. Sem dúvida, a terra que para os Ciclopes dá o trigo produz o vinho dos encorpados cachos, que a chuva de Zeus intumesce, mas este é puro suco de ambrosia e de néctar”. Assim falou, e de novo lhe enchi a gamela com vinho de reflexos de fogo. Três vezes lhe servi, e três vezes o imprudente sorveu de um trago. Depressa o vinho subiu à cabeça do Ciclope. Então lhe dirigi estas maléficas palavras:

“Ciclope, pergunta-me qual é o meu nome famoso. Vou dizer-te, mas tu me darás o prometido presente de hospitalidade. Meu nome é Ninguém. Minha mãe, meu pai, todos os meus companheiros me chamam Ninguém”. Assim disse; e, ato contínuo, ele replicou com ânimo inexorável: “Ninguém, serás o último a ser comido, depois de teus companheiros; sim, a todos comerei antes de ti: serás esse meu presente de hospitalidade”.

A Odisseia – canto ix

Homero